

A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS SURDAS: UMA REFLEXÃO.

Júlia Leyne Andrade De Sousa
Graduanda em Pedagogia- UEPB
julialeyne@hotmail.com

Nehemias Nasaré Lourenço
Prof. Especialista (orientador) – UEPB
prof.nemo@hotmail.com

Resumo

Sabe-se que a escola tem o papel de formar o cidadão com base em estudos disciplinares, ou seja, através do conhecimento das matérias fornecidas pela escola, o sujeito cidadão é formado. No entanto, essa ideia não está mais sendo respeitada, pois muitas famílias ainda creem que é papel da escola não apenas passar a educação formal, senão também a educação que deveria vir de casa. Se lançarmos vista neste tipo de educação, veremos que a família pouco tem cooperado com a escola e como resultado, temos o ensino cada vez pior. Com os surdos, o quadro se apresenta ainda pior, pois os pais geralmente assumem uma das duas posturas: ou são superprotetores ou deixam os filhos à margem da sociedade. Nosso objetivo é, então, fazer um levantamento sobre o papel da família na educação do ser surdo atualmente. Como este artigo se trata de propor uma reflexão sobre a educação dos surdos, dispensaremos a metodologia e a análise dos resultados vistos a sua inexistência. Debruçar-nos-emos em estudos da área da surdez voltada à educação tais como: Ronice Quadros, Brito e Kubaski.

Palavras-chave: Família, Surdos, Educação.

Résumé

Nous savons que l'école a un rôle dans la formation du citoyen basé sur des études disciplinaires, à savoir, par la connaissance des questions fournies par l'école, citoyen sujet est formé. Cependant, cette idée est plus respectée car de nombreuses familles croient encore qu'il est le rôle de l'école non seulement passer l'éducation formelle, mais aussi l'éducation qu'ils doivent rentrer à la maison. Si nous faisons attention à ce type d'enseignement, nous voyons que la petite famille a coopéré avec l'école et, par conséquent, nous avons une école qui va de pire à pire. Avec le sourd, le tableau présente c'est encore pire, parce que les parents prennent généralement l'une des deux positions: soit ils sont surprotecteurs ou laissent leurs enfants en marge de la société. Notre objectif est alors de faire une enquête sur le rôle de la famille dans l'éducation d'être sourd . Comme cet article traite de proposer une réflexion sur l'éducation des sourdes, nous NE ferons pas usage de la méthodologie et de l'analyse des résultats vu leur absence. Se penchera sur les chercheurs dans le domaine de la surdité axé sur l'éducation tels que: Ronice Cadres, Brito, Kubaski, etc.

Mots-clés : la famille , l'éducation, Sourds

Introdução

A escola que conhecemos nos dias atuais se distingue dos primeiros espaços educacionais que a história relata há séculos atrás. Antigamente, a educação acontecia em distintos espaços e todas as pessoas eram responsáveis para repassá-la às novas gerações. Nas aldeias, as crianças aprendiam no decorrer da convivência e a aprendizagem por meio das circunstâncias eram acompanhadas tanto de perto como de longe pelos adultos. Assim, aprendiam com as gerações antecessoras: seus pais, avós e até mesmo colegas de brincadeiras, guerreiros, feiticeiros, e artesões. Portanto, o saber era repassado de geração para geração. No decorrer dos tempos, com o progresso do indivíduo surgiram o espaço educacional, localizado em casas específicas com educadores responsáveis para educar a criança, para um ofício segundo a sua vocação.

Na sociedade vigente a escola é uma instituição social detentora de uma estrutura bem definida e regularizada. A sua finalidade é de educar o indivíduo para a sociedade, onde o mesmo se encontra inserido. A teoria educacional durkheimiana afirma que a sociedade é quem produz e determina as regras, as normas, como também a forma de pensar, ser e agir. É pela educação que os indivíduos conscientizam-se da moral exigida no meio social que se situam. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 30)

Isso requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior.

Portanto, a escola é responsável por formar um ser social, um cidadão com seus direitos e deveres como também prepará-los e capacitá-los para atender as demandas do mercado de trabalho vigente.

A escola é uma das formas de proporcionar a educação. Pois, segundo a Constituição Federal de 1988, Artigo 205:

A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade,

visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A família também tem papel primordial na educação dos filhos. O que é notório nos tempos hodiernos é exatamente o contrário: a família tem colocado cada vez mais toda a responsabilidade nas mãos da escola. Mas, afinal, qual seria o papel da família perante a educação dos filhos?

A primeira instituição em que a criança faz parte é a família, e esta tem o dever de possibilitar a aprendizagem das primeiras regras da moral, dos princípios éticos, é o lugar em que aprendem a conviver entre o grupo, a se socializar. É o espaço em que aprende a andar, a falar, se comunicar. Depois de alguns anos é levada para a escola para ser apresentada à educação mais formalizada. Todavia, enquanto alguns pais valorizam a escolarização dos filhos, outros têm se esquecido de que sua presença na educação é de suma importância para o sucesso não apenas profissional, senão também educacional de seus filhos.

São notórias essas duas posturas também nas famílias que têm filhos com deficiência auditiva; os pais, mediante a nova situação, assumem de duas, uma postura: ou superprotegem os filhos ou os deixam à margem da sociedade.

A chegada de uma criança que apresenta uma especificidade era uma sensação de choque nos pais. Muitos se sentem despreparados para aquela nova situação. Dúvidas os cercam trazendo à tona questões como, por exemplo: Como vou falar com meu filho? Como ele vai aprender? Como será seu futuro? Seu trabalho? Perguntas surgem por falta de informações a despeito da causa.

Vagarosamente, os pais passam para o processo de aceitação, criando melhores medidas para a educação dos filhos. É perceptível, que alguns familiares de alunos surdos se dedicam em conhecer mais sobre a linguagem de sinais e há ainda familiares de crianças surdas que não se esmeram nem

em conhecer a linguagem que eles utilizam, optando por se comunicar somente através de mímicas. A comunicação se deterá tão somente aos gestos e expressões havendo então a mínima compreensão.

A LIBRAS - Linguagem Brasileira de Sinais - foi reconhecida pela Lei nº 10.436, como língua oficial da comunidade surda brasileira em 24 de abril de 2002. No findar do século XX se intensificaram a mobilização pela regularização da língua de sinais, no ano de 1993 teve-se o início de um longo processo para aceitação oficial da língua como a segunda brasileira. Alcançando a conquista somente no ano 2002. Após a legitimação, o progresso e o avanço trouxeram mais benefícios. Como a implantação da LIBRAS como disciplina curricular, a profissionalização de interpretes/tradutor e a organização da estrutura linguística.

Para as pessoas com limitações auditivas a LIBRAS é considerada sua língua materna e a língua portuguesa sua comunicação secundária na modalidade escrita. A LIBRAS se diferencia da língua portuguesa devido a sua maneira de realização, pois utiliza um canal visual-gestual para a comunicação.

Ela, a LIBRAS, é possuidora do léxico caracterizado por sinais e a gramática diferenciada em alguns aspectos, como por exemplo, a organização das frases. Sendo assim, como afirma a organização curricular e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Libras (2008, pag 14)

Apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, ambas seguem os mesmos princípios no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, ou seja, um sistema de regras que rege o uso desses símbolos.

Como as demais línguas a LIBRAS recebe novos sinais criados majoritariamente pelos integrantes da comunidade surda seguindo assim a evolução da cultura e da sociedade. Por ser caracterizada como uma língua que tem por sua captação a utilização do canal visual-gestual difere então da língua portuguesa que seria oral-auditiva.

A respeito da gramática portuguesa encontra-se na sintaxe uma preocupação com a linearidade do texto já na estrutura em LIBRAS encontra-se a formação da sintaxe na junção de duas partes, um tipo de morfema gramatical junto com um morfema lexical criando assim um referente desse sinal.

As estruturas de sentenças na morfologia das palavras são de notável dissonância, pois enquanto no português a elaboração das frases compõe a sentença SVO em LIBRAS será o contrario OSV ou na forma SOV. (QUADROS, 2004)

Com este contexto, abre-se a possibilidade de duas línguas iniciais. Sendo apresentadas estas línguas desde muito cedo para as crianças surdas, elas terão a formação bilíngue. Pelo fato de muitos pais não conhecerem o processo de aprendizagem dos filhos, é fato, que buscarão uma escola regular ou especializada com atendimento específico para a educação de surdos. As escolas especializadas atuantes no Brasil adotaram o método bilíngue para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Contudo, o que é bilinguismo?

Grosso modo, o Bilinguismo é a utilização de dois meios de comunicação entre os surdos: a língua materna e a de sinais, no caso do Brasil, a LIBRAS e o idioma oralizado aqui, isto é, o português. As duas seriam usadas de igual modo, mas não ao mesmo tempo, sem miscigenar, pois cada uma tem sua característica própria, como já visto. O bilinguismo tem como objetivo desenvolver nos surdos habilidades tanto na sua língua (sinais) como na escrita. O que ressalta o que já afirmou Quadros (2000, p.54).

Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil.

Desta forma, a escola bilíngue é especializada e atenderá as necessidades das crianças surdas, tanto em oferecer um ensino que permitirá a compreensão do mundo que a cerca. E de também estabelecer o contato

com outras crianças surdas, dando-a a oportunidade de ver que ela não está isolada no mundo.

Conclusão

Com tantas possibilidades para o desenvolvimento do seu filho os pais não devem, digamos, depositar a responsabilidade da educação sobre a escola. A família e a escola estão intrinsecamente ligadas em que uma completa a outra.

A família vai auxiliar na aprendizagem quando esta se coloca a disposição de aprender mais sobre a “deficiência” do seu filho, a comunidade surda, linguagem, limites. E além, vai aprender mais sobre o filho que tem uma “deficiência” os seus sentimentos, medos, anseios, sonhos.

Contudo, isto só é possível quando os familiares tem o interesse de aprender LIBRAS, de saber o desenvolvimento do filho na escola. E a escola deve trabalhar junto a eles, mostrando o rendimento escolar, orientando educacionalmente, oferecendo suporte psicológico, como também um ensino de LIBRAS para os familiares responsáveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Angela Maria Waked de; DESSE, Maria Auxiliadora. **Crianças surdas e suas famílias**: um panorama geral. Brasília

Fundamentos da educação/organizada pela Universidade Luterana do Brasil. – Curitiba: Editora Ibpex, 2009

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. BILINGÜISMO COMO PROPOSTA EDUCACIONAL PARA CRIANÇAS SURDAS. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf

MOZZATTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil**: História e políticas públicas/ Marcos José Silveira Mozzatta – 5. Ed.- São Paulo: Cortez, 2005

Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental: Libras / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008.

QUADROS, R.M. de. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. Textura, Canoas n3 p.54,2000.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.